



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/11/2025 e 04/12/2025

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

urante **ENDEREÇO:** RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560  
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL  
FONE: (55) 0\*\*55 3332-0487 FAX: (55) 0\*\*55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>28/11/2025</b>	11,37	314,40	51,76	5,31	4,35
<b>01/12/2025</b>	11,28	311,10	52,06	5,30	4,32
<b>02/12/2025</b>	11,24	308,60	52,35	5,37	4,38
<b>03/12/2025</b>	11,15	308,40	51,35	5,37	4,31
<b>04/12/2025</b>	11,19	308,50	51,53	5,41	4,37
<b>Média</b>	<b>11,25</b>	<b>310,20</b>	<b>51,81</b>	<b>5,35</b>	<b>4,35</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Nonoai	<b>125,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>125,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>124,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>120,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>SC</b>	
MS – Maracaju	<b>128,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>120,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>124,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>69,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>69,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>SC</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>60,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>64,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>54,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>58,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>SC</b>	
MS – Maracaju	<b>58,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>67,00</b>	
SP – Campinas	<b>72,00</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>58,00</b>	
GO – Jataí	<b>58,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Nonoai	<b>55,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>54,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>66,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>64,00</b>	

Período: 03/12/2025

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 04/12/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
<b>R\$</b>	<b>62,68</b>	<b>126,82</b>	<b>54,55</b>

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
04/12/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>54,70</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>111,25</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>52,00***</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>5,75</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,21**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>10,63</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 610 e 20 dias

(\*\*) Referência Setembro/25, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja recuaram, em Chicago, nestes primeiros dias de dezembro. O primeiro mês cotado acabou fechando a quinta-feira (04) em US\$ 11,19/bushel, contra 11,37 no dia 28/11. A média de novembro fechou em US\$ 11,23, ficando 8,6% acima da média de outubro, confirmando a boa performance do mercado no mês passado. Um ano antes esta média havia sido de apenas US\$ 9,94/bushel o que confirma a recuperação de Chicago neste momento. Boa parte disso, como se sabe, vem do retorno da China às compras de soja dos EUA a partir de novembro, em meio ao conflito comercial entre os dois países e as tentativas de acordo.

Ainda em termos globais, o Brasil espera colher uma safra entre 177 e 178 milhões de toneladas em 2025/26, mesmo diante de problemas climáticos que já estão surgindo em partes do país (além do Centro-Oeste, agora faltam chuvas no Rio Grande do Sul). Neste momento, as margens internas são baixas no país o que limita o esmagamento e pressiona os prêmios, levando a uma comercialização lenta por parte dos produtores (apenas 25% da nova safra havia sido vendida até este início de dezembro). Já a Argentina exportou 12 milhões de toneladas em 2024/25, graças a maior demanda chinesa e a redução temporária dos impostos de exportação internos (as retenções). Mesmo com a expectativa de menor produção neste próximo ano comercial (48,5 milhões de toneladas), os argentinos devem se manter na liderança das vendas externas de farelo de soja (30 milhões de toneladas) e do óleo de soja (7 milhões de toneladas). Enquanto isso, a China mantém, de longe, a liderança na demanda mundial de soja, devendo importar 112 milhões de toneladas do grão em 2025/26, mas ela possui enormes estoques da oleaginosa neste momento (44 milhões de toneladas, o que garante consumo para quatro meses). Lembrando que a China vem comprando soja dos EUA naquilo que se considera um movimento político dentro dos acordos comerciais recentes com os EUA, pois o produto estadunidense está mais caro que o brasileiro. Enfim, os EUA produziram uma safra um pouco menor do que o esperado (115,8 milhões de toneladas), embora a excelente produtividade. Isso se deu em função da redução da área semeada. Suas exportações ficaram 7 milhões de toneladas abaixo do normal no final do ano comercial 2024/25 (cf. Hedgepoint Global Markets).

Quanto aos embarques de soja estadunidense para a China, os mesmos estão se acelerando neste final de ano. Uma sétima carga teria sido enviada aos chineses na semana anterior. De acordo com o governo dos EUA, os chineses deverão comprar 12 milhões de toneladas de soja até o final do ano, porém, a China não confirmou a informação. Por enquanto, “os importadores chineses reservaram quase 2 milhões de toneladas de soja dos EUA no mês passado, para embarque no ano comercial de 2025/26, que termina em agosto de 2026, embora apenas compras mínimas tenham sido confirmadas desde então”. O total de compras chinesas continua bem abaixo dos volumes registrados antes da guerra comercial (cf. Reuters).

E no Brasil os preços se mantiveram firmes, com as principais praças gaúchas registrando R\$ 125,00/saco, enquanto no restante do país os valores oscilaram entre R\$ 120,00 e R\$ 128,00/saco. Mesmo assim, tais preços estão abaixo dos praticados um ano atrás (entre R\$ 127,00 e R\$ 129,00/saco no RS e entre R\$ 126,50 e R\$ 142,00/saco no restante do país).

Dito isso, segundo estudos do Cepea, o “indicador de preço no Paraná registrou média de R\$ 134,68/saco em novembro, sendo 1,5% acima da de outubro, com base nas cotações até o dia 27 de novembro, já considerando a inflação. O preço médio no porto de Paranaguá (PR), importante polo exportador, avançou 1,8% para R\$ 140,39/saco, o maior valor real em três meses”. Lembrando que tais valores são a nível de negociações FOB.

Por outro lado, o plantio brasileiro de soja continua em ritmo mais baixo do que o registrado no ano anterior, devido a problemas climáticos, embora tenha havido retorno de chuvas no Centro-Oeste e no Matopiba. Preocupa, agora, a falta das mesmas no Sul do Brasil, em particular na região de produção do Rio Grande do Sul.

Em tal contexto, o plantio atingia a 87% da área nacional esperada, no início da presente semana, contra 89,5% na mesma época do ano passado e 85,1% na média histórica (cf. Pátria AgroNegócios). Já se começa a falar em redução do potencial produtivo da oleaginosa devido a estes problemas climáticos, o que reforça uma produção final nacional, por enquanto, entre 177 e 178 milhões de toneladas. A questão mais importante, como sempre, passa a ser o clima a partir de agora.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, continuam em compasso de espera, com valores entre US\$ 4,25 e US\$ 4,35/bushel. O fechamento da quinta-feira (04) ficou em US\$ 4,37/bushel, contra US\$ 4,35 uma semana antes. A média de novembro ficou em US\$ 4,31/bushel, sendo 2,1% acima da média de outubro. Em novembro de 2024 a média foi de US\$ 4,24, ou seja, sem grandes diferenças em relação a atualidade. Neste momento, a colheita de milho nos EUA está encerrada, com produção recorde.

E aqui no Brasil, os preços permanecem relativamente estáveis, com algum viés de alta em algumas regiões. O saco de 60 quilos do produto, na semana, oscilou entre R\$ 54,00 e R\$ 67,00 junto às principais praças nacionais. Um ano atrás, as principais praças gaúchas praticavam R\$ 67,00/saco, enquanto hoje ficam em R\$ 60,00. Já no restante do país os preços oscilavam entre R\$ 57,00 e R\$ 70,00/saco.

No médio prazo, existe maior suporte para os preços do cereal diante da possibilidade de quebra na safra de verão e, particularmente, na safrinha devido a problemas climáticos (falta de chuvas) em determinadas regiões, o que já está diminuindo o potencial produtivo das lavouras de verão em muitas localidades. Ao mesmo tempo, a demanda se mostra mais firme neste final de ano, especialmente em função da indústria de etanol no país. Todavia, para os meses futuros, segundo o Cepea, não se pode ignorar que a entrada da safra recorde dos Estados Unidos; a necessidade de liberação de armazéns por parte de agricultores brasileiros e o estoque de passagem elevado no Brasil podem limitar avanços nos preços internos do milho.

Dito isso, o plantio da nova safra de verão estaria concluído no Centro-Sul brasileiro (cf. AgRural). Apesar das dificuldades climáticas localizadas, novas estimativas apontam para uma safra de verão em 26,1 milhões de toneladas devido a aumento no plantio no Norte e Nordeste do país. Já a estimativa para a safrinha 2026 caiu para 105,8 milhões de toneladas, enquanto a terceira safra ficaria em 2,5 milhões de toneladas. Com isso,

para 2025/26, espera-se uma produção total brasileira de milho em 134,4 milhões de toneladas (cf. StoneX). Obviamente, tudo isso dependendo do comportamento climático no país.

Por sua vez, a Conab informou que, até o dia 29/11, o plantio da safra de verão, em todo o Brasil, atingia a 66% da área esperada, contra 64,7% na média histórica. Até então, 12,9% das áreas ainda estavam em emergência, 63,4% avançaram para desenvolvimento vegetativo, 18% estavam em floração e 5,7% haviam avançado para enchimento de grãos.

Enfim, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), no Mato Grosso a demanda por milho da safra 2024/25 deverá ficar em 53,7 milhões de toneladas, com recuo de 0,46% sobre o projetado em novembro. “Essa redução é pautada pela retração mensal de 1,37% nas projeções de exportações da atual temporada, que ficou estimada em 27,7 milhões de toneladas”. Enquanto isso, o consumo interno de milho naquele Estado ficaria em 17,7 milhões de toneladas, sendo 8,6% acima do registrado no ano comercial anterior. Esse crescimento se deve ao consumo de milho pelas indústrias locais de etanol, o qual cresceu 13,1% sobre o ano anterior. Mesmo assim, a última semana de novembro fechou com o preço médio do cereal em R\$ 46,88/saco, o menor desde setembro/25. Já em relação há um ano atrás, o preço do milho disponível no Mato Grosso está 15,6% menor. E tais preços, hoje, só não são menores graças à demanda das indústrias de etanol, diante de uma produção local que cresceu 17,1% na última safra, chegando a 55,4 milhões de toneladas.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram nesta primeira semana de dezembro, com o bushel do cereal, para o primeiro mês, fechando a quinta-feira (04) em US\$ 5,41, contra US\$ 5,31 uma semana antes. A média de novembro ficou em US\$ 5,35, com aumento de 4,7% sobre a média de outubro. Destacando que a média de novembro de 2024 foi de US\$ 5,52/bushel.

Dito isso, após os EUA anunciarem um aumento na sua produção de trigo, safra 2025/26, com a mesma passando a 54 milhões de toneladas, agora é a vez da Austrália elevar sua estimativa de produção para 35,6 milhões de toneladas, se somando a grande oferta mundial, atualmente prevista em 828,9 milhões de toneladas, contra 800,8 milhões no ano comercial anterior. No caso da Austrália, a produção de trigo deve ficar 4% acima do registrado no ano passado, 29% acima da média de 10 anos e a terceira maior da história (cf. Abares).

E na Argentina, a cada semana que passa as estimativas para a nova safra de trigo aumentam. Agora, a Bolsa de Cereais de Buenos Aires indica uma produção final recorde de 25,5 milhões de toneladas, devendo superar de longe o recorde anterior de 22,4 milhões alcançado em 2021/22. Com isso, haverá ainda mais trigo argentino para exportar ao Brasil.

E aqui em nosso país o preço do cereal no Rio Grande do Sul voltou a baixar, neste início de dezembro, com as principais praças praticando valores entre R\$ 54,00 e R\$ 55,00/saco, enquanto no Paraná o produto se manteve entre R\$ 64,00 e R\$

66,00/saco. Um ano atrás, os valores pagos aos produtores, nas principais praças gaúchas, eram de R\$ 66,00 a R\$ 67,00/saco e no Paraná ficavam entre R\$ 72,00 e R\$ 73,00/saco.

O mercado brasileiro está muito atento à colheita na Argentina e a perspectiva desta safra recorde que indicamos anteriormente. Em 27/11 a colheita no vizinho país atingia a 33,9% da área semeada

Além disso, a nova valorização do Real, na semana, favorece às importações. Dito isso, a média de novembro, no Rio Grande do Sul, foi de R\$ 1.044,82/tonelada FOB, com recuo de 8,2% em relação a outubro/25, e de 17,1% em relação a novembro/24, sendo a menor desde fevereiro/18 (as comparações são em termos reais). Já no Paraná, a média foi de R\$ 1.196,69/tonelada, em novembro, com baixa mensal de 1,6% e anual de 15,9%, sendo ela a mais baixa desde outubro/23 (cf. Cepea).